

O desafio educacional

Florestan FERNANDES, São Paulo, Cortez / Edit. Editores Associados, 1989, 264 p.

João Pedro da FONSECA *

Uma das figuras mais respeitáveis em matéria de educação brasileira, Florestan Fernandes tem se notabilizado pelas suas lutas em favor da escola pública. Como sociólogo e como parlamentar, nas salas de aula, nos auditórios, no parlamento e na imprensa tem se colocado na defesa dos direitos da maioria da população à educação e a uma vida digna de cidadãos.

O desafio educacional reúne algumas de suas manifestações como intelectual e militante, dando oportunidade aos seus leitores ou ouvintes de melhor conhecerem seu pensamento e história de vida. Vida e pensamento, ação e reflexão, se misturam e se confundem nas páginas deste livro-denúncia, livro-combate, livro-testemunho:

"Minha família era muito pobre, o que me levou a trabalhar já aos seis anos... eu tinha de trabalhar para poder estudar e manter minha mãe" (p.94/95). "Eu não tenho origem proletária, tenho origem sub-proletária. Minha condição inicial era de Lumpen.... Por tudo isso, tenho entranhada dentro de mim uma revolta contra essa situação em que vivem as classes subalternas" (p.104).

Tendo ingressado na Universidade por acaso, como ele mesmo diz, tornou-se um "intelectual orgânico dos oprimidos e dos trabalhadores" (p.8). Reconhece que no passado cultivou utopias pedagógicas e ilusões, mas realista e obsessivamente, encara hoje os desafios socialistas na esfera educacional, criticando as reformas "cosméticas" e afirmando que "toda essa experiência me levou a ver que os problemas centrais estão fora das instituições e estão dentro da sociedade" (p.118).

Autodefinindo-se como marxista, socialista, não-especialista longamente engolfado nas lutas pedagógicas, opina a respeito dos mais variados temas da educação nacional: as greves dos professores, aliás "trabalhadores intelectuais", a lista dos "improdutivos" da USP, a crise da PUC, a LDB...

A dilapidação do ensino público brasileiro, no aspecto quantitativo e qualitativo, é o tema central deste livro de coletânea de artigos, entrevistas, depoimentos, notícias e participação no Congresso Nacional. O dilema educacional brasileiro está

(*) Professor Doutor do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

em todas as páginas, principalmente nas que tratam do Projeto de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Em várias passagens, reafirma a urgência de se resolver o problema educacional brasileiro: "Isso faz da alfabetização e da educação em todos os graus o problema-chave do Brasil" (p.77); "A ignorância é o desafio histórico número um do Brasil. Por isso, a educação se erige como a arma que devemos manejar com tenacidade e sabedoria para sairmos do atoleiro" (p.79); "A educação, quase sempre, é escamoteada, e eu teria a coragem de dizer aqui que ela é o problema mais grave do Brasil. É o problema número um do Brasil" (p.124); "A educação é o mais grave dilema social brasileiro. A sua falta prejudica da mesma forma que a fome e a miséria, ou até mais, pois priva os famintos e miseráveis dos meios que os possibilitem a tomar consciência da sua condição, dos meios de aprender e resistir a essa situação" (p.126); "Sem revolução educacional não há outros tipos de transformações" (p.131).

Com essas convicções, fica fácil entender sua defesa de uma Lei de Diretrizes e Bases que responda aos desafios educacionais atuais.

No momento em que se discute a "constituição" da educação nacional, a sociedade brasileira deveria aproveitar a oportunidade para repensar sua escola pública a fim de torná-la democrática, eficiente, universal.

Permanece atual a advertência de Florestan para que o crescimento da escola privada não se realize à custa do asfixiamento da escola pública. Esta deve constituir prioridade de um País que deseja ingressar no Primeiro Mundo. A valorização dos agentes humanos da educação é várias vezes lembrada como condição necessária (embora não suficiente) para uma escola pública de qualidade para toda a população.

Obviamente, o livro é polêmico. O autor declara usar o referencial socialista, confessa-se marxista e petista. Suas concepções educacionais são coerentes com sua visão de homem, sociedade, mundo, ou seja, sua filosofia de vida e sua ideologia.

Suas idéias, como as de qualquer mortal falível, são discutíveis, merecem ser debatidas, aceitas ou rejeitadas. Conservadores, reformistas e revolucionários encontrarão rico material para reflexões e debates.

Como sói acontecer em publicações de coletâneas, o livro é um tanto desigual. Algumas partes são mais densas e complexas do que outras e o nível de interesse dos assuntos apresenta-se também desigual. A excelente entrevista transcrita em "Contra a parede", por exemplo, agradará a um público mais restrito do que "A Universidade é agreste".

Trata-se de detalhe, entretanto, que não tira méritos a esta tão polêmica quanto necessária e oportuna publicação desse professor, sociólogo, intelectual, deputado federal, militante. Que novos companheiros se integrem às suas lutas para fazer do Brasil, efetivamente, uma Nação de cidadãos, vencendo o desafio educacional.